

para
Maria Juercina Vieira Camargos,
a menina-avó que você foi em vida.
[in memoriam]



Lácio

POEMAS OUTROS

Natalício Silva

Roland Barthes: O corpo é o mais imaginário de todos os objetos imaginários.

Alain Robbe-Grillet: Discordo, porque há manifestações exteriores a ele como, por exemplo, a voz. Para mim, as entonações da sua voz estão é no seu texto...

Roland Barthes: Estão, mas para ser exato: não conheço a minha voz.

Alain Robbe-Grillet

Lácio poemas outros: fragmentos para uma poética

A afirmação do gesto intelectual do indivíduo na escritura, verbi-voco-visual, caligráfico, digita(liza)do para revisão, edição e impressão do livro objeto, nos convida a pensar na seguinte questão de estética literária: a “personagidade”¹ do *corpo* e da *voz* autoral como presença de quase ausências. Relação de alteridade que vem adquirindo centralidade e relevância ontológica na filosofia moderna e contemporânea, e intrigando com o sopro da estranheza, aqueles que se comovem com o ato de criação de um simples fragmento em verso, ou poema.

Assistir à eclosão do próprio pensamento num *quantum* ou extensão, que a princípio se mostra tão infenso à efusão lírica, é uma dádiva. Lance de dados sobre a mesa de jogo literário: revelado por Drummond, Rimbaud e Mallarmé entre outros, alquimistas do verbo à procura da poesia. Assegura a veracidade da asserção: “EU é um outro.”² Outro, que se inscreve na memória universal ao discorrer em versos, e faz isso não para ser mais verdadeiro, mas para revelar s(eu) absurdo, pavonear pujança perante o entorno —espanto de máscara e espelho—, “para exibir metáforas, isto é, felicidades de expressão”.³

À luz da incipiência desses fragmentos em versos, apresenta-se aqui um tema falado por muitos, solitário, inatual, pretensioso. AMOROSO. Quando prosaico não aforismático. Discurso devido ao *Outro*, que se encena líricamente como *Eu*, em face do objeto *amado* (que não fala?). Porém, sujeito que se oferece à leitura como lugar de palavra: LÁCIO, EU LÍRICO, CADA UM, NARCISO e 3x4; súdito de si mesmo de través/através de versos executados na flauta de suas próprias vértebras.⁴

Pouco a pouco, tendo em vista esse outro ele mesmo, identificando-se por meio destes estilhaços ficcionais, procura-se afirmar neste prefácio um nome de autor suposto,

Ernani Ferreira.

Belo Horizonte, abril de 2017.

¹ ROBBE-GRILLET, Alain. *Por Que Amo Barthes*. Tradução: Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995, p. 13.

² CAMPOS, Augusto de. *Rimbaud Livre*. Introdução e traduções: Augusto de Campos, com “iluminações” computadorizadas de Augusto de Campos & Arnaldo Antunes. São Paulo: Perspectiva, 2009. (Signos; 14), p.13.

³ BLANCHOT apud BARTHES, *Op. cit.*, 1995, p. 38.

⁴ Cf. MAIAKÓVSKI, Vladimir. *Maïakóvski – Poemas*. Tradução: Boris Schnaiderman, Haroldo e Augusto de Campos. Revisão: Boris Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 1982. (Signos; 10), p. 73.

LÁCIO

declinam os astros

e teu corpo luz

obediente aos fados

teima querer — memória — ser:

alvas letras nesta página

fonemas em doce trato

concisos átomos

Imensidão.



estudo 1. pastel oleoso sobre lixa



estudo 2. guache sobre canson

EU LÍRICO

alguém que não sei se sou

pergunta a outro que não sei se és

sobre fragmentos em versos

anversos semblantes

sobrevindos de mar além;

fragmentários porque

comedidos fingidos fios

insinceros mesmo às contingências outras

à sensibilidade turva que enfim

se curva neste parco corpo oblíquo.

Porém: — o que melindra

se perde por razões contidas aqui preditas

e buscando acerto desacordo encontra.

como posso esperar de ti palavras concisas

infundas — afinidades eletivas que nos motivam —

se sabes, mas não confessas.



estudo 3. pastel oleoso sobre lixa

CADA UM

encurvada minha marcha

por inelásticos músculos

sou monstro entre humanos

quimera

corpo

delito;

aferrada neste peito ostento garras e passos

errantes entre errantes

neste eremo impossível.

E pergunto donde venho

a saber que pouco sei

respondendo de onde vou: — ah, impelida ao aqui

ex-condenada a pagar pelo agora feroz

quem sou!

NARCISO

deixo para você isto

que não tenho:

as estrelas.

entre uma e outra

a entremeada finitude

onde juntos somos;

espelho líquido

onde contemplo tua face

outra.



autorretrato. xilogravura

3 X 4



não
faltam dentes
à palavra que
me falta.

se morde,
dogma.

quando
sopra, Logos

impura,
mesmeriza-me:
Fé.

